

O Jesus que as mulheres viram

O Jesus que as mulheres viram

*Como as primeiras discípulas nos ajudam
a conhecer e amar o Senhor*

REBECCA McLAUGHLIN

Traduzido por Claudia Santana Martins



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Rebecca McLaughlin
Publicado originalmente por 10Publishing, divisão da
10ofThose Limited, Leyland, Inglaterra.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo as seguintes indicações: *Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição (RA), da Sociedade Bíblica do Brasil; e *Nova Versão Internacional* (NVI), da Bíblica, Inc.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M145j

McLaughlin, Rebecca
O Jesus que as mulheres viram : como as primeiras discípulas nos ajudam a conhecer e amar o Senhor / Rebecca McLaughlin ; tradução Claudia Santana Martins. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2023.
176 p.

Tradução de: Jesus through the eyes of woman
ISBN 978-65-5988-208-3

1. Jesus Cristo. 2. Mulheres na Bíblia. I. Martins, Claudia Santana. II. Título.

23-82977

CDD: 220.92082
CDU: 27-31:305-055.2

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Categoria: Inspiração
1ª edição: agosto de 2023

Edição
Daniel Faria
Revisão
Natália Custódio
Produção
Felipe Marques
Diagramação e capa
Marina Timm
Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

*Para Grace,
que em breve verá Jesus*

Sumário

Introdução	9
1. Profecia	25
2. Discipulado	51
3. Nutrição	75
4. Cura	99
5. Perdão	121
6. Vida	143
Conclusão: Os Evangelhos das Marias	167
Agradecimentos	173

Introdução

Em 1896, em um mercado de antiguidades no Cairo, um comerciante de manuscritos vendeu um papiro antigo. O comprador foi um acadêmico alemão chamado Carl Reinhardt. O comerciante disse a Reinhardt que um camponês havia encontrado o livro no nicho de uma parede. Mas não é provável que essa história romântica seja verdadeira. O papiro data do século 5 e estava tão bem preservado que não poderia ter passado 1.500 anos ao ar livre. Quando Reinhardt examinou o manuscrito, descobriu que ele continha quatro textos antigos previamente desconhecidos, inclusive uma cópia parcial de um livro que veio a ser conhecido como o Evangelho de Maria.

Dois outros fragmentos do Evangelho de Maria foram encontrados desde então, e os especialistas acreditam que foi originalmente escrito no século 2. Estavam faltando partes importantes do texto em cada uma das cópias. Mas o que restou relata um encontro entre Jesus e seus discípulos após a ressurreição. Uma discípula, Maria, havia recebido uma revelação especial de Jesus. No entanto, quando Maria compartilha o que Jesus lhe revelara, Pedro a acusa de estar mentindo. Ele não acredita que Jesus teria feito tal revelação para uma mulher. Maria chora diante dessa acusação.

A experiência de Maria encontra eco em inúmeras mulheres que, durante os últimos dois mil anos, vêm sendo ignoradas

e desvalorizadas por seus irmãos em Cristo. Na verdade, há quem veja o cristianismo como misógeno em seu ângulo: silenciando, marginalizando e pisoteando as mulheres. Na escola de ensino médio só para meninas que frequentei e depois na Universidade de Cambridge, tive muitas conversas com mulheres e homens que achavam que os direitos das mulheres são contrários ao cristianismo — ou, pelo menos, a qualquer forma de cristianismo que se apegue à Bíblia como fonte de verdade. Moro agora em Cambridge, Massachusetts. Mas a percepção do cristianismo entre muitos de meus colegas continua a mesma: a crisálida do cristianismo precisa se romper para que a borboleta dos direitos das mulheres possa voar.

Para alguns acadêmicos, o Evangelho de Maria e outros evangelhos chamados gnósticos oferecem ao cristianismo um bote salva-vidas com relação às mulheres. Alguns chegam a sugerir que os primeiros líderes da igreja suprimiram uma versão do cristianismo mais voltada às mulheres que textos como o Evangelho de Maria preservam. No entanto, neste livro pretendo argumentar que, longe de suprimir a voz das mulheres e desvalorizar sua vida, os Evangelhos do primeiro século escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João nos conectam ao testemunho das mulheres que conheceram Jesus pessoalmente dois mil anos atrás, e que o Jesus que vemos pelos olhos delas é mais belo, mais historicamente correto e mais valorizador das mulheres do que qualquer coisa que o Evangelho de Maria possa oferecer.

O efeito de Jesus sobre as mulheres

Os quatro Evangelhos do Novo Testamento contam várias histórias de Jesus relacionadas a mulheres. Mulheres pobres.

Mulheres ricas. Mulheres enfermas. Mulheres enlutadas. Mulheres idosas. Mulheres jovens. Mulheres judias. Mulheres gentias. Mulheres conhecidas por serem pecadoras. Mulheres conhecidas por sua virtude. Virgens e viúvas. Prostitutas e profetisas. Pelos seus olhos, vemos um homem que valorizava mulheres de todos os tipos — especialmente aquelas difamadas pelos outros. Com efeito, o modo como Jesus tratava as mulheres despedaçou a crença de que as mulheres são naturalmente inferiores aos homens: uma crença que foi dominante no mundo antigo. Não devemos nos surpreender, portanto, que as mulheres tenham se agregado em torno de Jesus desde então.

Nos primeiros séculos, o cristianismo era conhecido por sua capacidade de atrair mulheres e escravos. O governador romano Plínio, o Jovem, escreveu ao imperador Trajano no início do século 2, pedindo conselhos sobre como lidar com os cristãos. Para aprender mais sobre aquela estranha nova fé que infectava sua região, Plínio havia torturado “duas escravas, que eram chamadas de diaconisas”. Essa biópsia da igreja era representativa de seus membros. Embora mulheres e escravos fossem destituídos de posses na cultura greco-romana, podiam alcançar importantes posições na liderança da igreja, como essas duas escravas que eram reconhecidas como diaconisas. Quando Celso, filósofo grego do final do século 2, gracejou dizendo que os cristãos “querem e conseguem convencer tão somente os tolos, ignóbeis e estúpidos, apenas escravos, mulheres e crianças pequenas”, ele estava fazendo uma caricatura, mas que se baseava na verdade.¹ Aliás, desde

¹ Ver Michael J. Kruger, *Christianity at the Crossroads: How the Second Century Shaped the Future of the Church* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2018), p. 34-35.

as primeiras evidências que encontramos sobre a composição da igreja até os dados atuais, parece que Jesus sempre foi mais atraente para as mulheres do que para os homens.

Registros de uma igreja do Norte da África que sofreu um ataque durante a Grande Perseguição — que durou do ano de 303 a 313 — documentam a apreensão de uma quantidade desproporcional de roupas femininas: 13 pares de sapatos masculinos contra 47 pares de sapatos femininos; 16 túnicas masculinas contra 82 femininas; e 38 acessórios de cabeça femininos.² Provavelmente essas roupas se destinavam aos pobres. Entretanto, mesmo entre os cristãos abastados, as mulheres pareciam exceder os homens em número. No período antes da conversão do imperador romano Constantino em 337, dispomos dos nomes de quarenta cristãos da classe senatorial. Dois terços deles eram mulheres.³ Sendo assim, por que as mulheres eram atraídas para o cristianismo?

Em *The Triumph of Christianity: How a Forbidden Religion Swept the World* [O triunfo do cristianismo: Como uma religião proibida varreu o mundo], o estudioso do Novo Testamento e céptico Bart Ehrman explica que, embora o Império Romano fosse extremamente diversificado, seus habitantes compartilhavam de alguns pressupostos básicos. Escreve Ehrman:

Se uma palavra pudesse resumir a ética social, política e pessoal comum da época, seria dominação. [...] Em uma cultura

² Ver Helen Rhee, *Loving the Poor, Saving the Rich: Wealth, Poverty, and Early Christian Formation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2012), p. 154.

³ Ver Peter Lampe, *From Paul to Valentinus: Christians at Rome in the First Two Centuries* (Minneapolis: Fortress Press, 2003), p. 119.

de dominação, espera-se que aqueles com poder afirmem sua vontade sobre os fracos. Os governantes devem dominar seus súditos, os patronos seus clientes, os senhores seus escravos, os homens suas mulheres.⁴

Mas o cristianismo virou de cabeça para baixo essa crença. Nas palavras de Ehrman:

Os líderes da igreja cristã pregavam e encorajavam uma ética de amor e serviço. Ninguém era mais importante do que o outro. Todos estavam no mesmo patamar diante de Deus: o senhor não era mais importante do que o escravo, o patrono não era mais importante do que o cliente, o marido não era mais importante do que a esposa, os poderosos não eram mais importantes do que os fracos, nem os saudáveis mais importantes do que os doentes.⁵

Essa inversão ética, baseada nas palavras e ações de Jesus, tornou o cristianismo especialmente atraente para as mulheres no mundo antigo e formou a base de nossa crença moderna de que as mulheres são fundamentalmente iguais aos homens. Longe de ser contrário aos direitos das mulheres, o cristianismo é sua primeira e melhor fundação.

Nos últimos dois milênios, o cristianismo passou de uma fé professada por uma pequena minoria para o sistema de crenças mais disseminado e mais racialmente e culturalmente diverso no mundo. E o efeito magnético de Jesus sobre as mulheres não diminuiu. Uma pesquisa de 2015 revelou que, em todo o mundo, 33,7% das mulheres adultas se identificam

⁴ Bart Ehrman, *The Triumph of Christianity: How a Forbidden Religion Swept the World* (Nova York: Simon & Schuster, 2018), p. 5.

⁵ *Ibid.*, p. 5-6.

como cristãs, contra 29,9% de homens, e a desproporção provavelmente está crescendo. A igreja na China é um dos movimentos cristãos que mais rapidamente crescem no mundo — a caminho de ter mais cristãos do que nos Estados Unidos dentro de cinco anos — e é desproporcionalmente feminina. Além disso, em nível global as mulheres cristãs se mostram significativamente mais propensas do que os homens a frequentar a igreja semanalmente⁶ e orar diariamente.⁷ Elas também tendem mais a ler a Bíblia por si mesmas — mesmo que isso exija um esforço significativo.⁸ Poucos anos atrás, uma amiga chinesa me contou que, depois que sua avó analfabeta se tornou cristã, começou a parar as pessoas diante de seu prédio e a implorar-lhes que a ajudassem a ler mesmo que apenas uns poucos versículos de sua Bíblia. Mas será que essa adoção do cristianismo está fazendo bem às mulheres? Ou será que Jesus é como um daqueles namorados terríveis que

⁶ Uma análise de 54 países revelou que 53% das mulheres que se identificavam como cristãs diziam que frequentavam a igreja pelo menos uma vez por semana, contra 46% dos homens cristãos. Ver “The Gender Gap in Religion Around the World”, Pew Research Center, 22 de março de 2016, <<https://www.pewforum.org/2016/03/22/women-more-likely-than-men-to-affiliate-with-a-religion/>>.

⁷ Nos 54 países analisados, 61% das mulheres cristãs declaram orar diariamente, comparadas a 51% dos homens cristãos. Ver “The Gender Gap in Religion Around the World”, <<https://www.pewforum.org/2016/03/22/women-report-praying-daily-at-higher-rates-than-men/>>.

⁸ A pesquisa de 2020 do State of the Bible [Estado da Bíblia], encomendada pela Sociedade Bíblica Americana, revelou que “as mulheres se ocupam mais com as Escrituras do que os homens”. Relata-se que mais da metade das mulheres americanas (52%) são “amigas da Bíblia”, “empenhadas em ler a Bíblia” ou “focadas na Bíblia”, em comparação com 47% dos homens.

as mulheres parecem não conseguir abandonar, apesar do mal que lhes causam?

Longe de ser ruim para as mulheres, ser religiosamente ativas (o que, na maior parte do Ocidente, inclui frequentar regularmente a igreja) parece lhes trazer mais felicidade e saúde mental. Por exemplo, um estudo em grande escala publicado por acadêmicos da Escola de Saúde Pública de Harvard em 2016 revelou que as mulheres americanas que frequentavam cultos religiosos pelo menos uma vez por semana apresentavam uma probabilidade cinco vezes menor de se suicidar do que aquelas que nunca frequentavam.⁹ De forma semelhante, um estudo publicado em 2020 revelou que as mulheres americanas que frequentavam cultos religiosos semanalmente apresentavam uma probabilidade 68% menor de morrer devido a suicídio ou excesso de drogas ou álcool do que aquelas que nunca frequentavam, enquanto os homens que frequentavam semanalmente apresentavam uma probabilidade 33% menor de morrer devido a essas causas.¹⁰ Notavelmente, mais do que um terço dos adultos religiosamente ativos (36%) se descreve como “muito feliz”, em comparação com apenas um quarto (25%) tanto de adultos religiosamente inativos (ou seja, aqueles que se identificam como cristãos, mas não frequentam a

⁹ Tyler J. VanderWeele et al., “Association Between Religious Service Attendance and Lower Suicide Rates Among US Women,” *JAMA Psychiatry* 73, n.º. 8 (2016), <<https://jamanetwork.com/journals/jama-psychiatry/article-abstract/2529152>>.

¹⁰ Ying Chen et al., “Religious Service Attendance and Deaths Related to Drugs, Alcohol, and Suicide Among US Health Care Professionals,” *JAMA Psychiatry* 77, n.º. 7 (2020), <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/2765488?mc_cid=469f806293&mc_eid=796e84b78>.

igreja) quanto daqueles que não se filiam a religiões nos Estados Unidos.¹¹

Mais ainda: embora a limitação bíblica do sexo ao casamento por toda a vida tenha muitas vezes sido acusada de ser uma camisa de força prejudicial — recusando às mulheres (e aos homens) a liberdade sexual que se considera ser o caminho para a felicidade —, os dados indicam o oposto. Um corpo crescente de evidências têm mostrado que, especialmente para as mulheres, ter múltiplos parceiros sexuais está associado a níveis mais baixos de saúde mental e felicidade.¹² Inversamente, longe de estarem confinadas ao sofrimento, as esposas mais felizes nos Estados Unidos são mulheres extremamente religiosas casadas com homens extremamente religiosos.¹³ Os casais que oram juntos, leem as Escrituras em casa, frequentam

¹¹ Ver “Religion’s Relationship to Happiness, Civic Engagement and Health Around the World”, Pew Research Center, 31 de janeiro de 2019, <<https://www.pewforum.org/2019/01/31/religions-relationship-to-happiness-civic-engagement-and-health-around-the-world/>>.

¹² Ver, por exemplo, Tyree Oredein e Cristine Delnevo, “The Relationship between Multiple Sexual Partners and Mental Health in Adolescent Females”, *Journal of Community Medicine & Health Education* 3, nº. 7 (dezembro de 2013), que revelou que “a prevalência de tristeza, ideação suicida, planos suicidas e tentativas de suicídio aumenta com o número de parceiros sexuais ao longo de todos os grupos raciais/étnicos”; e Sandhya Ramrakha et al., “The Relationship between Multiple Sex Partners and Anxiety, Depression, and Substance Dependence Disorders: A Cohort Study”, *Archives of Sexual Behavior* 42, nº. 5 (fevereiro de 2013), <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3752789>>, que encontrou “uma forte associação entre o número de parceiros sexuais e problemas posteriores com drogas, especialmente em mulheres”.

¹³ Ver W. Bradford Wilcox, Jason S. Carroll e Laurie DeRose, “Religious Men Can Be Devoted Dads, Too”, *New York Times*, 18 de maio de 2019,

a igreja e assim por diante apresentam uma tendência duas vezes maior do que seus colegas seculares de dizer que estão satisfeitos com seu relacionamento sexual.¹⁴ Podemos pensar que o casamento cristão retira das mulheres sua liberdade sexual. Mas os dados sugerem que ele afasta as mulheres (e os homens) do desastre do sexo sem compromisso.

Será que isso significa que o cristianismo é só para virgens e mães de quatro filhos com casamentos felizes? Não. Quando deparamos com Jesus nos Evangelhos, encontramos um homem que acolhe mulheres de má fama em termos sexuais, ao mesmo tempo que enfrenta homens hipócritas nessas mesmas questões. Encontramos um homem nascido de um escândalo sexual, que escandalizou ainda mais seus companheiros judeus ao mostrar amor a mulheres conhecidas pelo pecado sexual. Encontramos um homem que nunca teve uma relação sexual, mas que amou as mulheres de tal modo que elas deixaram tudo para segui-lo. Encontramos um homem que deu as costas aos homens religiosamente poderosos de seu tempo e cuja conversa pessoal mais longa registrada foi com uma mulher desprezada por sua religião. Ao longo deste livro, olharemos para Jesus pelos olhos dessas mulheres. Mas será que podemos ter certeza de que o que lemos sobre Jesus em suas quatro biografias no Novo Testamento é confiável e que textos como o Evangelho de Maria não nos oferecem uma visão mais autêntica?

<<https://www.nytimes.com/2019/05/18/opinion/sunday/happy-marriages.html>>.

¹⁴ Matthew Saxey e Hal Boyd, “Do ‘Church Ladies’ Really Have Better Sex Lives?”, Institute for Family Studies, 16 de novembro de 2020, <<https://ifstudies.org/blog/do-igreja-ladies-really-have-better-sex-lives>>.

Podemos confiar nos Evangelhos?

Em seu livro pioneiro, *Jesus e as testemunhas oculares*, o estudioso britânico do Novo Testamento Richard Bauckham sustenta, de modo convincente, que os textos de Mateus, Marcos, Lucas e João não são produtos de gerações de tradição oral — como muitos estudiosos do século 20 supunham —, mas documentos que preservam para nós os relatos de testemunhas oculares que conheceram Jesus pessoalmente. Este livro recorrerá extensamente ao trabalho de Bauckham, inclusive seu fenomenal *Gospel Women* [Mulheres do Evangelho], e sustentará que o testemunho de mulheres, em particular, é vital para a história que os autores dos Evangelhos contam.¹⁵

Geralmente se admite que o Evangelho de Marcos tenha sido o primeiro a ser escrito, provavelmente entre 35 e 45 anos após os acontecimentos que registra. Bauckham observa que essa data está “bem dentro da duração da vida de muitas das testemunhas oculares” e defende que Mateus, Lucas e João “foram escritos no período em que testemunhas oculares vivas estavam se tornando escassas, exatamente naquele momento em que seu testemunho pereceria com elas se não fosse registrado”.¹⁶ Comparando a forma como os nomes são usados nos Evangelhos com o modo como as testemunhas oculares são citadas em outros textos do mesmo período, Bauckham

¹⁵ Richard Bauckham, *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 2006) [No Brasil, *Jesus e as testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus, 2011]; Bauckham, *Gospel Women: Studies of the Named Women in the Gospels* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 2002). Uma segunda edição de *Jesus and the Eyewitnesses* foi publicada em 2017, mas minhas citações vêm da primeira edição.

¹⁶ Bauckham, *Jesus and the Eyewitnesses*, p. 7.

argumenta convincentemente que os autores dos Evangelhos estão indicando a seus leitores as fontes das histórias que relatam. Mas será que as testemunhas oculares de fato se lembrariam daqueles acontecimentos tanto tempo depois que haviam ocorrido?

Não sou velha o bastante para me lembrar de fatos que ocorreram entre 35 e 45 anos atrás — quanto mais sessenta anos, que provavelmente é o intervalo entre o tempo que o autor de João conviveu com Jesus e quando escreveu seu Evangelho. Se você tem menos de cinquenta anos, esses intervalos de tempo provavelmente lhe parecem impossivelmente longos. Esquecemos a maior parte do que nos aconteceu na semana passada! Entretanto meus pais, que estão na casa dos sessenta anos, e meus avós, que estão na casa dos oitenta, lembram-se facilmente dos acontecimentos e das conversas mais importantes de sua adolescência e juventude — especialmente aqueles que foram contados e recontados aos filhos, netos e bisnetos. Meu avô, por exemplo, se lembra do dia em que minha mãe, quando criança, insistiu em querer ir para a escola sozinha. Meu avô a deixou ir, mas a seguiu a distância. Acabou descobrindo que ela havia planejado se encontrar com um garoto que estivera intimidando sua irmã menor para brigar com ele! Isso aconteceu quase sessenta anos atrás e, embora não tenha sido um acontecimento que mudou a vida de ninguém, ficou registrado na memória de meu avô, e ele contou a história como algo divertido durante décadas. Os discípulos de Jesus se dedicavam a prestar atenção no que ele fazia e aprender o que ensinava. Esse era um trabalho em tempo integral, não apenas dos doze apóstolos escolhidos por Jesus, mas também de dezenas de pessoas (inclusive muitas mulheres) que viajavam com Jesus. Após a morte e ressurreição de

Jesus, eles iam de lugar em lugar proclamando o que haviam escutado e visto. Quando os autores dos Evangelhos finalmente escreveram os relatos da vida de Jesus, eles tinham uma riqueza de testemunhos em que se basear — e o testemunho das discípulas de Jesus era igualmente importante.

E quanto aos outros supostos evangelhos, como o Evangelho de Maria? Enquanto os quatro Evangelhos do Novo Testamento foram todos escritos durante o período de vida de testemunhas oculares da vida de Jesus, acredita-se que o Evangelho de Maria tenha sido escrito entre o início e meados do século 2 — bem depois que as testemunhas oculares haviam morrido.¹⁷ Em vez de estar enraizado no Antigo Testamento, o Evangelho de Maria, como outros chamados evangelhos gnósticos, baseia-se muito mais na filosofia grega do que nas Escrituras hebraicas e pressupõe uma visão de mundo diferente, em que a matéria é má e a salvação envolve escapar ao que é físico. Isso é fundamentalmente diferente da crença judaico-cristã na bondade da criação original de Deus, e da promessa cristã de uma vida encarnada, de ressurreição, para todos os que creem em Jesus. Diferentemente dos Evangelhos em nossas Bíblias, o Evangelho de Maria não nos fornece um relato da vida terrena de Jesus. É totalmente centrado em supostas conversas após a ressurreição de Jesus. Se tivéssemos esse texto e não os textos dos Evangelhos em nossas Bíblias, não saberíamos quase nada sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, e teríamos registrada somente uma minúscula proporção de seus ensinamentos — ensinamentos que mudaram o mundo.

¹⁷ Ver Karen L. King, *The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle* (Santa Rosa, CA: Polebridge Press, 2003), p. 3.

Podemos pensar que o Evangelho de Maria foi suprimido porque transmite uma imagem ruim de Pedro. Pedro, afinal de contas, foi um dos principais líderes na igreja dos primeiros tempos. Mas, em vez de eliminar os erros dos discípulos masculinos de Jesus, os Evangelhos em nossas Bíblias — inclusive o Evangelho de Marcos, que se considera ser baseado no testemunho de Pedro — frequentemente retratam os apóstolos (e Pedro em particular) sob uma luz terrível. Por exemplo, todos os quatro Evangelhos registram que, na noite em que Jesus foi preso, Pedro negou três vezes até mesmo conhecer Jesus.

Em contraste, as mulheres entre os discípulos de Jesus são conhecidas por sua fidelidade, e todos os autores dos Evangelhos se baseiam no testemunho de mulheres em pontos vitais de seus relatos. Na verdade, se percorrermos os Evangelhos em nossas Bíblias e cortarmos todas as cenas *não* testemunhadas por mulheres, perderíamos apenas uma parcela pequena dos textos. Se cortarmos as cenas que *apenas* as mulheres testemunharam, perderíamos nosso primeiro vislumbre de Jesus quando ele assumiu a carne humana e nosso primeiro vislumbre de seu corpo ressuscitado. Os quatro Evangelhos preservam o depoimento das testemunhas oculares mulheres. A pergunta central deste livro é: “Como era Jesus visto pelos olhos delas?”.

As mulheres neste livro

Quando meu filho de três anos, Lucas, faz algo de que se orgulha, ele me pergunta: “Mamãe, consegue captar um vislumbre de mim?”. Essa frase é ao mesmo tempo infantilmente esquisita e profunda. Mesmo sendo a mãe dele, tudo o que